Quinta-feira, 9 de abril de 1885

A EPOCA

MEMORIAL DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

1.º ANNO

ASSIGNATURA
Por anno, em Aveiro . . . . . 1$000 réis
Reino, ilhas, ultramar e Brazil accresce o custo da estampilha.
Numero avulso . . . . . 30 réis
Publica-se ás quintas-feiras

PROPRIETARIOS — MELLO FREITAS & MELLOS GUIMARÃES

REDACTOR LITTERARIO — MELLO FREITAS

PUBLICAÇÕES
Annuncios por linha . . . . . 20 réis
Repetições . . . . . 10 »
Communicados, por linha . . . . . 30 »
Aos assignantes abate-se 20 p. c.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Rua de Jesus—AVEIRO.

NUMERO 10

Aveiro

ESTRANHA FLORESCENCIA DE PERIGOS

Quando é que o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello se convencerá que a rotação constitucional dos partidos no poder é a melhor garantia para a estabilidade do throno?

A melancolia d'esta aviltante miseria está em que o partido regenerador, como um boneco de sabugo n'uma barraca de feira, apenas boqueia logo se levanta com ares campanudos e soberanos, consolidado pelo appoio incondicional da camarilha, que teve a habilidade de persuadir Sua Magestade de que Bismarck é a parodia do Fontes, mas que o nosso estadista caseiro é o verdadeiro original.

Se examinarmos os limites do ignoto mundo das espheras superiores vemos accentuar-se cá em baixo um desdem perigoso para a dignidade do paiz. Sim, o povo ouve os exagerados descantes da opposição, convencido de que o roubam, e a opposição explora esta mina do desconsolo publico como um filão de descredito, que a hade levar até ao fastigio do mando.

A Europa agrilhôa-nos pelo jogo do dinheiro nas bolsas; de vez em quando chovem folhetos opulentos de descompustura onde se expandem negras calumnias, que nos fecham as arcas dos argentarios. A's discordias intestinas, manietadas simplesmente pela cotação das *inscripções*, corresponde nas praças estrangeiras o risco cantado da bancarrota e pintado em pamphletos e brochuras vorazes, que soffregamente nos talham a sepultura sob pretexto de nos arrancarem a pelle, incrustando-se como kystos na alma dos nossos negocios.

A derrocada com os fumos da nossa insania calamitosa, conserva-se solapadamente encoberta, mas nem porisso a irritação produzida pelo ostracismo constante de um terço ou de metade da nação, relegada dos bancos do ministerio pela muralha da China isto é, pelas ficções embrulhadas que geram maiorias compactas ao sabor do governo, nem porisso, diziamos, a irritação se amacia ou desvanece. Na impossibilidade de fazer cahir o ministro que se approveita de sophisma e da rabula para manter-se no pedestal, os jornaes ridiculisam o cavalheiro do Tosão d'Ouro, desfibram-lhe o nepotismo que arbitrariamente distribue aos afilhados as melhores postas dos empregos, sem que lhe travem desperdicios nem a voz dos prócores, nem a oratoria bysantina dos deputados.

Se o sr. Fontes é assim tão essencial á prosperidade ou á manutenção da autonomia, ai d'ella, que depende de um só homem, e não do esforço, da dignidade e do interesse commum de todas os cidadãos.

Administra bem! Oxalá que assim fosse.

Quem as vê d'este modo, ás pobres gazetas ministeriaes, em bandadas como as andorinhas, chilreando gorgeios insipidos sobre o merecimento extraordinario do heroe ha-de persuadir-se que inventoualguma cousa util a não ser o elexir de longa vida para os gabinetes a que preside.

Esquecem-se os beneficios do thesouro mas cimentam-se cathegorias de empregados á sombra de dictaduras desnecessarias, vestidas d'uma roupagem nacional, que se approxima da immoralidade.

A corruptela eleitoral manda ao seio do parlamento um simulacro de representação dos interesses e desejos dos povos. Irrisoria situação esta, que mostra ser desnecessario o prestigio das instituições e um governo sisudo, zeloso e austero, bastando titeres para appoiarem votações, e conluios para vingarem arranjos, que nos depauperam, nos enxovalham, e nos desorganisam, pondo em almoeda as nossas forças productivas, e o nosso pudor social.

De traz de cada grupo, que aspira a governar, é precizo dizel-o bem alto, está uma fracção de Portugal que não quer ensaiar systhemas violentos ou abstractos, mas que tem direito a colocações em todas as carreiras e a todos os mesmos beneficios de thesouro, que o partido regenerador, ha tantos annos, explora com exclusivo proveito seu.

A rotação dos partidos é uma necessidade indiscutivel, aliás brotam primeiro as revoltas e depois as revoluções, segundo a distincção verdadeira do duque de Liancourt.

A prudencia deve alliar-se com o patriotismo para que se evite o desamor dos povos pelo chefe do estado, pondo em conflicto a corôa e a nação.

MADRID

(Correspondencia particular da EPOCA)

Expirou a Semana Santa a que a chuva e o frio tiraram toda a vistosa exposição do luxo dos catholicos nas ruas. Assim, a côrte não pôde sair a visitar as egrejas, na Quinta-feira de Endoenças; o que costuma ser uma admiravel exhibição da familia real, da maior nobreza da Hespanha, e dos empregados e serviçaes do paço, ostentando, senhoras e homens, o maior luxo disponivel.

Em compensação os templos estiveram todos atulhados de gente. E Madrid, entre egrejas capellas e ermidas, conta umas quarenta.

Na egreja de S. José prégou o sermão das Sete Palavras, o sr. Manterola. O discurso durou tres horas, e durante este tempo centenares de pessoas se acotovelavam ás quatro portas da egreja, na ancia irrequieta de ouvirem o primeiro orador sagrado de Hespanha.

O sr. Manterola—quem não o recorda?—nas cortes constituintes depois da queda de Isabel II, bateu-se gigantescamente com esse outro atleta da palavra, sr. Castelar. Houve então um duelo de critica historica, e de eloquencia, que ficou memorando.

Quem venceu? Nenhum no campo alheio, cada um no seu terreno. E como artistas da palavra, como inspirados e deslumbrantes esculptores da eloquencia ambos se libfaram com azas de aguias nas regiões opulentas do assombro, da maravilha.

N'um paiz, onde a rhetorica é uma profissão tão apreciada como a do canto popular, os grandes oradores impressionam como as musicas patrias.

Que admira pois que o melhor de Madrid se alvoroçasse, se amotinasse, se insubordinasse para ouvir a palavra excelsa do sr. Manterola?

E não se creia que os principios ultramontanos do sr. Manterola, o levam para o desconhecimento do mundo moderno. Nada d'isso. O pretendente D. Carlos VII é o principe mais mundano e mais modernisado da Europa latina.

O sr. Manterola conhece a sociedade nas suas mais requintadas elegancias; e sabe ser um professor de historia ecclesiastica com a mesma distincção com que solta uma palestra de sala.

A pratica com que interveio, como parocho, na ceremonia do meu casamento, foi uma conferencia finissima sobre as delicias conjugaes, com a suavidade de dicção e a phrase agil, como não as teria mais felizes Caro n'um brinde de boda.

* * *

Em Játiva, na provincia de Valencia, tem havido alguns casos de colera, classificada officialmente como nostras. Sem embargo, crê-se que em vez de nostras é asiatico. O medo, engrandecido pelo annuncio da provavel invasão n'este anno, póde ter exagerado.

As noticias officiaes não me inspiram confiança, pois, segundo, ellas o colera não visitou Madrid no verão passado; e eu posso affirmar que houve muitos casos em Carabanchel, e algumas no recinto da cidade.

O professor da Escola Medica de Valencia, sr. Jimeno, que tem profundado os estudos do colera, inoculou-se no dia 27 do mez findo, e a algumas pessoas distinctas d'essa cidade o bacyllus virgula, e está deliberado a proseguir na vulgarisação d'este meio prophylatico.

* * *

No Atheneu tem dado duas conferencias sobre musica o erudito sr. Gabriel Rodriguez; e brevemente será a terceira sobre historia do piano.

Estas conferencias, á parte o seu valor intellectual, tem um grande interesse de sensibilidade; porque as theses apresentadas pelo sr. Gabriel Rodriguez são contraprovadas por exemplos musicaes, cuja execução está a cargo de distinctos professores. Os elegantes trechos da erudita prosa do sr. Rodriguez são interpoladas com formosas peças de musica tocadas e cantadas a primor.

Para explicação e prova do *poder expressivo da musica* ouviu-se musica de Haydn, de Mozart, de Rossini, de Mendhelson e de Kuhssmann.

Como se Santa Cecilia désse uma lição na sua escóla de musica, no Ceu!

* * *

Um apontamento para a biographia do celebre general russo, Skobeleff, que assegurou que 50 mil soldados do seu paiz podem fazer a invasão da India.

Skobeleff assistiu á ultima guerra civil de Hespanha. Militou no campo

---

FOLHETIM

O SEGREDO DO CADAFALSO

POR

O CONDE

DE

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

TRADUCÇÃO

DE

M. Fernandes Thomaz

Em noite de 5 de junho de 1864, pelas 7 horas, o dr. Edmond-Désiré Couty de la Pommerais, recentemente transferido da Conciergerie para a Roquette, estava assentado, revestido da camisola de forças, na cellula dos condemnados á morte.

Taciturno, encostava-se ao espaldar da cadeira, com os olhos fixos. Sobre a meza, um candieiro illuminava a palidez da sua face fria. A dois passos, um guarda, de pé, encostado ao muro, observava-o com os braços crusados.

O prisioneiro era dos que não jogam as cartas; não se lhe lia, no olhar, nem medo nem esperança.

Trinta quatro annos, trigueiro, de estatura mediana, bem posto na verdade, o cabello grisalho sobre as fontes, olhos nervosos, semi-fechados, fronte scismadora, voz baça e breve, as mãos libertinas, a physionomia compassada dos homens estrictamente discretos, maneiras d'uma distincção estudada.—Tal parecia.

(Lembram-se de certo que o discurso muito substancioso de M. Lachaud, nas audiencias do Sena não destruiu na consciencia dos jurados, o triple effeito produzido pelos debates, pela conclusão do dr. Tardieu, e o requisitorio de M. Oscar de Vallée, e que M. de la Pommerais, convencido de ter ministrado com fim cubiçoso e com premeditação, doses mortaes de digitalina a uma senhora do seu conhecimento,—M.me de Pauw,—ouviu pronunciar contra si a applicação dos artigos 301 e 302 do Codigo Penal, e portanto a sentença capital).

N'esta noite, 5 de junho, ignorava ainda a rejeição do recurso de annulação, assim como a recusa de audiencia de perdão sollicitada por seus parentes.

De repente um ruido de cronhas d'armas soa no lagedo do corredor; a fechadura range pesadamente, abre-se a porta; as baionetas brilham na sombra; o director da Roquette, M. de Beauquesne, apparece no limiar, acompanhado de um visitante.

M. de la Pommerais, tendo levantado a cabeça, reconhece n'um lance d'olhos, o illustre medico Velpeau.

A um leve signal o guarda sae, M. de Beauquesne, apoz uma apresentação muda, retirou-se; os dois collegas acharam-se sós, em face um do outro.

La Pommerais, em silencio, indica ao dr. a sua propria cadeira, indo depois sentar-se sobre essa caminha em que os dorminhocos, a maior parte das vezes são chamados á vida n'um sobresalto.—Como mal se via, o grande clinico approximou-se do... doente, para o observar melhor e poder fallar em voz baixa.

Velpeau, tinha completado 60 annos. No apogeo de sua fama, herdeiro da cadeira de Larrey no Instituto, primeiro professor de clinica cirurgica de Paris, e, pelas suas obras, todas d'um rigor de deducção tão clara e tão viva, uma das luzes da sciencia pathologica actual, o pratico jubilado impunha-se como uma das sumidades do seculo.

Depois d'um frio silencio:

—Senhor, diz elle, entre medicos, devem-se poupar os queixumes inuteis.

Alem de que, uma affecção da prostata (da qual, com certeza, devo morrer em dois annos, dois annos e meio), me colloca tambem, com differença d'alguns mezes, na cathegoria dos condemnados á morte. Vamos, pois, ao que importa sem preambulos.

—Então, segundo a vossa opinião, doutor, a minha situação é... desesperada, interrompeu La Pommerais.

—Receio, respondeu simplesmente Velpeau.

—Está marcada a minha hora?

—Não sei, mas como não está nada determinado, a seu respeito, póde, com segurança contar com alguns dias.

La Pommerais passa sobre a fronte livida, a manga da camisola de forças.

—Seja assim, agradecido. Estarei prompto: já o estava; d'aqui em diante, quanto mais cedo melhor.

—O seu recurso não foi regeitado, pelo menos agora, respondeu Valpeau, a proposição que vou fazer lhe é condiccional. Se a salvação chegar, melhor!... Se não...

(Conclue nos dois proximos numeros.)

carlista e assistiu á acção de Monte-Muro, em que morreu o general Concha, marquez del Duero.

* * *

O periodico madrileno *El Dia* publicou ultimamente um amplo elogio das cartas geographicas do systema Mendonça Cortez; e depois de celebrar as suas vantagens, e de frizar a attenção que lhes deram os governos de Italia, França e Allemanha, recommenda-as ao de Hespanha.

Mas se o sr. Mendonça Cortez não reforçar esta recommendação com poderosos empenhos, não serão adoptadas aqui as suas cartas. Porque em Hespanha como em Portugal os governos só pensam e se occupam da intriga eleitoral ou da politica miudinha, onde tem amarradas todas as suas attenções.

* * *

Cerro esta chronica, fazendo echo ao rumor de que D. Affonso XII pretende declarar-se rei absoluto.

Verdadeiro ou falso, é certo que se espalhou que, como desforço d'esta pretenção, havia o intento de desfeitear el-rei na sua ceremoniosa visita ás egrejas, em Quinta-feira Santa.

E ainda mais certo do que tudo é a prisão de 8 pessoas, indigitadas como dispostas a tentar contra a vida do D. Affonso XII.

As tropas teem estado de prevenção, como se temessem alteração da ordem publica.

A minha opinião pessoal é que o governo pretende merecer aos olhos do monarcha, e que simula revoluções republicanas com o innocente plano de esmagar a hydra cortando-lhe a millionesima parte de um millimetro da sua materia cornea. E com esta brincadeira póde ver-se obrigado o governo a fuzilar a algum monarchico,

Por disciplina, é claro.

Mas tudo acabará em paz.

6—4—85.

CARLOS FARIA.

Da necessidade da reorganisação ou extincção do asylo de José Estevão.

SUMMARIO:—O que devem ser estes estabelecimentos. Estado actual do asylo de José Estevão. Soluções possiveis.

De todos os estabelecimentos de educação e ensino, os do genero do asylo de José Estevão são os de mais difficil organisação; pela multiplicidade de questões a que é preciso attender, e pelas circumstancias anormaes em que as creanças se encontram.

Nem, como nas escólas primarias, se limitam á educação physica e intellectual, e instrucção elementar; nem, como na educação materna, á educação physica e principalmente moral; nem, como nas escólas superiores e technicas, ao ensino de qualquer arte ou profissão; os asylos de infancia, para serem uteis e proveitosos, precisam comprehender em proporções convenientes todos estes differentes ramos de educação.

A estas difficuldades, que uma direcção intelligente facilmente póde remover, accrescem as que provém da vida em clausura e sem familia durante muitos annos; pois assim fica privada a creança dos beneficios do espectaculo do labor quotidiano da vida, do exemplo de virtudes, cuja practica só é frequente na familia, e da experiencia pessoal que resulta da convivencia, facto principal da educação ordinaria, da educação moral principalmente.

O desenvolvimento physico é o fundamento e base de toda a educação racional e methodicamente dirigida. Sem robustez e sem saude é impossivel a qualquer supportar trabalho aturado, mórmente áquelles a quem uma condição inferior, resultado do acaso do nascimento ou da inaptidão intellectual, obriga a constantes e prolongadas fadigas.

A educação physica será portanto o primeiro cuidado d'um asylo. E esta requer:

—uma casa em boas condições, pelo local e pelo edificio em si; n'um logar isolado, com o socego que convém a uma escóla, longe das grandes agglomerações, tão prejudiciaes ao silencio do estudo, como proprias á propagação das doenças; com agua abundante e proxima, ventilação constante e regular, orientação conveniente, e d'um aceio facil;

—alimentação abundante, variada e de bôa qualidade, contendo em justas porpoções todos os principios organicos necessarios á vida e desenvolvimento da criança;

—vestuario conveniente, sem o extremo agasalho, que torna a criança sensivel ás mais pequenas intemperies;

—regular as horas de trabalho e de repouso, de modo que á creança nunca falte um somno tranquillo e seguido, tão prolongado quanto o exigem as necessidades da sua idade

—abluções frequentes e todos os demais cuidados d'aceio a que os trabalhos scientificos modernos teem dado tão grande e tão demonstrada importancia;

—o exercicio indispensavel á boa distribuição da actividade organica, a adopção dos jogos apropriados a enrijar os musculos, e a desenvolver ao mesmo tempo a agudeza dos sentidos;

—e finalmente, extremo cuidado em evitar os excessos de applicação mental, que, na opinião d'um publicista eminente, constituem a principal causa da inferioridade physica da geração presente.

Vem depois a educação intellectual. Confunde-se vulgarmente a educação com a instrucção. Educar não é instruir; é desenvolver o poder e forças da intelligencia, a capacidade de attenção, de descernimento, de reflexão, associação e raciocinio. A educação fórma o instrumento de que usa a instrucção.

Os asylos não devem dar instrucção superior ás necessidades da profissão a que a creança se destina; pódem e devem dar uma solida e boa educação intellectual. Esta depende apenas da escolha dos methodos e da actividade e intelligencia dos mestres.

A educação moral é sem duvida a parte mais difficil da educação; pela sua propria natureza e pelas condições em que as crianças se encontram nos asylos.

Assim como na educação physica a creança aprende á sua custa os bons e os máos effeitos da agua, do calor, da luz e de todas as forças da natureza de que depende a sua conservação e existencia, assim no mundo moral apprende na vida em sociedade as consequencias do bem e do mal. Que tino, que conhecimento da organisação mental da criança (que por ser o mais das vezes completamente empirico não deixa por isso de formar excellentes educadores) não é preciso para a educar isolada do que melhor lhe poderia formar o caracter? Habitos de trabalho e economia, prudencia, temperança, veracidade e justiça, bondade e abnegação, paciencia e coragem, como desenvolver todos estes sentimentos quando faltam os motivos que lhes poderiam dar origem, quando faltam as situações em que poderiam praticar-se? Póde o educador, tendo a creança n'uma constante e cega obdiencia, obrigal-a á pratica do bem simulando assim a virtude. Será certamente bom nos primeiros annos principalmente, quando falta o criterio moral, mas a practica espontanea, livre e reflectida da virtude só a experiencia a póde desenvolver, senão mesmo crear, nos espiritos espiritos menos favorecidos de boas tendencias hereditarias.

Pelo lado moral a educação nos asylos tem uma falta insoffrivel, que só o bom senso e aptidão dos mestres póde attenuar e remediar em parte.

Quando se é pobre, ter robustez e saude, uma intelligencia desenvolvida e um coração bem formado é a base para tudo, mas é insufficiente para ganhar a vida; metade pelo menos da melhor educação que um asylo póde dar ficará perdida senão fôr completada pelo ensino de qualquer arte ou profissão.

Não se imagine que saber ler, escrever e contar, só por si, valem muito e tudo; são instrumentos que pódem ser uteis ou nocivos conforme o uso que d'elles se fizer. E' preciso saber mais alguma cousa para encontrar na sociedade collocação facil e sufficientemente remunerada.

Exceptuando o caso em que tenha os encargos de familia (e o asylo certamente deveria attender a que as suas pupillas tambem pódem ser um dia donas de casa) o trabalho da mulher, na sociedade portugueza, e nas cidades limita-se em regra á cosinha e á costura. A apprendizagem d'estas duas artes deveria formar a parte principal da educação profissional nos asylos e, crêmos, quando regularmente sabidas, daria ás filhas do asylo decididas vantagens sobre as suas concorrentes da mesma profissão.

Resta-nos agora fallar de administração e organisação economica, do pessoal, das suas habilitações e das suas relações com os individuos ou corporações que sustentam o asylo. Dispensa-nos porém de aqui o fazermos a conclusão a que nos levará um proximo e ultimo artigo.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

JOSÉ ESTEVÃO era ou não era um orador de primeira ordem?

Estavamos todos n'essa crença em Portugal. Sempre assim o ouviramos contar. Entretanto o sr. Gomes de Amorim, que conheceu e escutou José Estevão, põe em duvida o seu merito excepcional fazendo obra não por o que viu e ouviu, mas pela collecção estropiada dos discursos que o nosso collega e amigo Sousa Maia, com com louvavel dedicação, publicou na imprensa do *Districto de Aveiro*.

E' uma injustiça grave, a que Pinheiro Chagas respondeu na *Illustração Portugueza* em artigo que, com a devida venia, ousamos transcrever:

—

«Voltando da Belgica a Lisboa, lança-se energicamente Garrett na vida politica, combate com um vigor inexcedivel o ministerio no *Portuguez* resuscitado, concorre com a sua penna para a revolução de setembro, e, eleito deputado ás côrtes constituintes, começa n'esse congresso, onde tambem José Estevão se estreiou, a sua brilhante carreira de orador.

O auctor d'estas linhas tinha apenas doze annos quando Garrett morreu, não pôde por conseguinte ouvil-o na camara, nem sequer o conheceu pessoalmente; nunca o vio, nunca escutou a sua voz sonora e grave; em compensação ouvio, e mal se pode imaginar com que enthusiasmo! a voz inspirada de José Estevão. Talvez seja por isso que eu li, com um sentimento que se approxima da indignação, as seguintes linhas no livro do sr. Gomes de Amorim:

«Chamou-se a José Estevão «primeiro orador portuguez», abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações e se dão titulos arbitrarios. Quem assim o qualificou, ouvio, mas parece que não o leu. E' indubitavel que elle arrebatava por vezes o auditorio; voz, gesto, olhar, e a sua bella cabeça, todas as feições, todos os movimentos de physionomia e do corpo faziam parte do seu discurso, compunham a sua eloquencia, davam vida, energia, e persuasão á palavra ardente e impetuosa. Desapparecido, porém, o tribuno, ia-se com elle a maioria das bellezas oratorias. Recorra-se aos *Diarios*: o que d'elle nos resta, com quanto se eleve ainda muito acima da mediocridade, está longe de satisfazer em tudo os que amam a correcção da forma, a maneira de vestir elegantemente as idéas e de bem exprimir o pensamento. Garrett, pelo contrario, grave, composto, nobre, severo, e solemne até, quando cumpria, foi sempre tão admirado pelos que o ouviram, como hade sel-o eternamente pelos que o lerem,» etc.

Desafio o sr. Gomes de Amorim a que seja mais admirador de Garrett do que eu sou, mas essa admiração apaixonada não me cega a ponto que me force a rebaixar os talentos extraordinarios que viveram e brilharam ao lado do de Garrett. Que vinte e dois annos depois da morte de José Estevão, haja um escriptor que o conheceu, e que o ouvio, que diga que «se chamou a José Estevão o primeiro orador portuguez, abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações»!!! Nunca esperei ler semelhante phrase senão no livro de algum chocho detractor de gloria que não comprehende!

Mas o que é mais extraordinario ainda é a justificação da phrase! Leiam-se os discursos de José Estevão, diz o sr. Gomes de Amorim, e ver-se-ha que o que ali existe, se está acima da mediocridade, está muito longe da verdadeira belleza!

Já se vê! Leia-se o pallido reflexo que nas notas tachygraphicas ficou dos maravilhosos improvisos d'esse poeta da tribuna, leia-se o extracto amortecido, incompleto, truncado d'essas admiraveis orações que nós todos ouvimos n'um enlevo, que nunca mais orador algum soube inspirar na tribuna portugueza, e avalie-se por ahi um dos primeiros tribunos não só de Portugal, mas dos tempos modernos!

Que o sr. Gomes de Amorim dissesse que um orador, se quer passar á posteridade, precisa de ser como Cicero, Garrett, ou Castelar, grande escriptor tambem, muita razão lhe encontrariamos. O orador improvisa, commove, arrebata o auditorio, depois vem para casa, reconstrue, emenda, compõe, arranja para o publico ledor esses discursos que lhe sairam dos labios candentes, na incorrecção genial da primeira inspiração.

Quantas vezes (e não applicamos esta observação a Garrett) quantas vezes esse discurso escripto é completamente diverso do discurso pronunciado! Conhece o sr. Gomes de Amorim a anecdota de Cicero. O famoso Romano, tendo de defender Milão, seu partidario, accusado do assassinio de Clodio, perturbado pelo aspecto tumultuoso do tribunal, pronunciou um discurso mediocre, e Milão foi condemnado ao exilio para Marselha.

Voltando ao remanso do seu gabinete, livre das preoccupações que o tinham assaltado em pleno tribunal, Cicero refez pacientemente o seu discurso, e escreveu a sua oração *pro Milone*, que nós hoje admiramos como uma das obras primas da eloquencia antig.a Diz-se até que, tendo enviado uma copia do seu discurso ao seu infeliz cliente, este lhe respondera, dizendo:

—Ah! se tivesses pronunciado esse discurso diante dos meus juizes, não estaria eu agora comendo os figos de Marselha!

Isto prova que a Cicero faltava uma das grandes qualidades do tribuno—a coragem. Teve-a diante de Catilina, porque estava ao seu lado a maioria do Senado; não a teve diante dos amigos de Clodio, no tribunal, quando se sentiu isolado.

Se Lamartine não fosse tambem um grande escriptor, se não tivesse podido por conseguinte recompôr admiravelmente os discursos pronunciados na praça do *Hotel de Ville* para conter o povo insurreccionado, se apenas d'esses discursos tivessemos os extractos incolores e incompletos de algum ouvinte, o que succederia? Succederia que hoje contestariamos a Lamartine, que no meio do perigo soube encontrar os accentos mais eloquentes, a palma de grande orador que iriamos dar a Cicero, que não teve comtudo no momento critico a eloquencia que só lhe sorriu de novo na placidez do seu gabinete.

Mas orador não é quem faz os seus discursos em casa, orador é aquelle que na tribuna, sob a impressão ardente dos debates ou da situação, arranca da sua alma apaixonada os discursos que arrebatam e commovem aquelles que os escutam. Esse é que é o orador, e não desconheço que uma parte do seu prestigio lhe provém da voz, do gesto, da presença. Mas tudo isto faz parte dos dotes oratorios, como o talento de dar á sua physionomia a expressão apaixonada ou tragica, á sua voz as notas lancinantes que a situação reclame, é o talento do actor. Ora o orador não é outra coisa senão a reunião n'uma só d'essas duas personalidades que na scena se separam—a do actor e a do auctor. Se essa parte do genio do orador só póde ser avaliada pelos que o viram e o ouviram, a estes ao menos cumpre dar testemunho da impressão recebida, para que a posteridade faça, em vista do seu depoimento, a justiça que os documentos escriptos a não habilitam a fazer.

Mas com José Estevão ainda succede outra coisa: é que nos seus discursos não só falta o relevo que só do seu gesto, da sua presença, da sua voz elles podiam auferir, mas falta-lhes ainda a fidelidade na copia. A tachygraphia é uma arte infantil, que entre nós, pelo menos, dá os mais lamentaveis resultados. De um discurso que na camara se pronuncia o que chega ás notas tachygraphicas são pedaços descosidos, com as imagens desbotadas, com o pensamento incomprehensivel, com as idéas muitas vezes contradictorias. O orador lá arranja isso, como póde, e põe o discurso em estado de ser lido, mas esse discurso nunca é o discurso exacto que elle proferiu. Imagine-se o que succederia a José Estevão, que não revia os seus discursos, que deixava por conseguinte os tachygraphos ligarem uns aos outros os trechos dos seus discursos mal apanhados com banalidades de sua lavra, que substituiam assim para o futuro, para a posteridade, as expressões pittorescas e imaginosas do eminente orador.

Que um escriptor moderno, que nunca ouviu José Estevão, ao ler essas pallidas notas tachygraphicas que ahi andam pelos *Diarios*, duvide do genio do tribuno eminente, vá! mas que o sr. Gomes de Amorim, que o ouviu, que sentiu de certo circular nas suas veias o fogo com que nos incendiam a todos as palavras ardentissimas de José Estevão, venha animar a injustiça provavel da posteridade com as suas palavras crueis e injustissimas, é o que devéras se não comprehende, a não ser que a admiração do biographo pelo biographado (1) o levasse a querer deprimir todos os que poderam achar-se um dia em competencia com o maravilhoso heroe do seu livro.

Eu porém, que ouvi José Estevão, eu que senti correrem-me as lagrimas pelas minhas faces imberbes de adolescente, quando elle ergueu a sua voz patriotica para pronunciar aquelle maravilhoso discurso do *Charles et George*, sinto que devo protestar contra as expressões injustissimas do sr. Gomes de Amorim, e bradar bem alto que não imagino que se podesse ir em eloquencia tribunicia mais longe do que ia José Estevão. Confesso porém que José Estevão não era dos oradores que escrevem, pertencia á raça dos Demosthenes mais do que á raça dos Ciceros, era tão incapaz de pronunciar no tribunal, perante uma assembléa qualquer, por mais hostil e mais tempestuosa que fosse, o discurso frouxissimo que a favor de Milão Cicero pronunciou, como era incapaz de escrever depois no gabinete a admiravel *oratio pro Milone* que Cicero escreveu. Por isso corre muito serios riscos de lhe fazer a posteridade a injustiça, que o

(1) De Gomes de Amorim por Garrett.